

A vertigem da democracia brasileira

Irene Nogueira de Rezende¹

Trabalhei na pesquisa histórica para o filme de Petra Costa, *Democracia em vertigem*, recentemente indicado, entre uma lista de cinco, para o Oscar de melhor documentário. A indicação representa, por si só, uma vitória significativa, não só para o cinema brasileiro que, ultimamente, vem recebendo ataques reiterados do presidente Bolsonaro, mas também para dar visibilidade mundial à derrocada da democracia brasileira desde o golpe do impeachment da presidente Dilma Rousseff.

175

Não é tarefa fácil realizar um filme, todos sabem, mas um filme que trabalha com tema tão complexo e atual é um processo muito mais complicado. As cobranças são muitas. Recentemente ouvi um podcast onde os jornalistas debatiam *Democracia em vertigem*, apontando mais defeitos que qualidades. “A diretora não falou sobre isso ou aquilo”, “ela omitiu isso e aquilo”, “não abordou a atuação de fulano e sicrano” e muito mais. No afã de criticar o documentário, esqueceram que, para editar um filme, qualquer que seja ele, é necessário fazer escolhas que reflitam o olhar e a vivência da diretora além de muitas outras variáveis.

Durante a edição participei de algumas sessões junto com a equipe e pude observar como é complexa a escolha das cenas, o cuidado para não incorrer em equívocos e a angústia da diretora e de sua equipe para finalizar o filme.

Eu mesma fiz uma pesquisa intensa e minuciosa sobre as falas dos deputados nas sessões da Câmara dos Deputados que antecederam a votação do impeachment nos dias 15 e 16 de abril de 2016. Cotejei o discurso de cada deputado, com o

¹ Doutora em História Social e Política pela Universidade de São Paulo

mesmo transcrito e em vídeos - ambos disponibilizados pelo portal da Câmara - selecionando as falas mais significativas, para o bem e para o mal, que poderiam ser utilizadas no filme. Fazendo aqui um parêntese: li e ouvi mais de 300 discursos que me revelaram a fragilidade de nosso sistema político, o despreparo daqueles que, no mínimo, se espera que nos representem. Deputados que ofendiam a figura da presidente num grau de desrespeito que fariam corar qualquer ser decente, falas onde ficaram explícitas a falta de civilidade e de decoro e um despreparo para a vida pública. Cito como exemplo um pequeno trecho da fala do deputado Luiz Carlos Heinze (PP-RS), representante da Bancada Ruralista defendendo seus representados: “Esses produtores, que sofrem assédio do MST, dos quilombolas, dos índios invadindo suas propriedades, tomando suas terras.”² Outro absurdo, desta vez do deputado Éder Mauro (PSD-PA): “(...) [o PT implantou] um currículo paralelo para que crianças de 6 anos aprendessem sexo nas escolas. (...) uma deputada de Brasília e um deputado do Rio de Janeiro têm um projeto para que crianças troquem de sexo.”³

E mais uma pérola para ilustrar, dessa vez do deputado Fausto Pinato (PP-SP): “Sr. Presidente, eu tenho uma filha de 7 anos que me liga toda noite e diz: ‘Papai, vote no impeachment da Dilma!’”.

Depois dessa imersão nos discursos dos deputados, mesmo descontado o momento tenso com pesadas acusações de lado a lado, comecei a achar que a representatividade política brasileira é uma ficção. Obviamente há exceções, tanto da direita quanto da esquerda. Para mim, pasmem, apenas dois deputados foram claros, objetivos e com um discurso articulado: Afonso Mota (PDT-RS) e Alessandro Molon (ex-Psol e atual PSB-RJ).

Fechado esse longo parêntese, muito pouco do meu trabalho foi aproveitado no final.

Foram mais de três anos de trabalho, aproximadamente quatro mil horas de filmagens para reduzir em duas horas e três minutos até chegar ao *streaming*. Ao que tudo indica as milhares de cenas que não foram aproveitadas farão parte de um banco de dados.

² <http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/plenario/discursos/notas.html>

³ <http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/plenario/discursos/notas.html>

Foram mobilizadas dezenas de pessoas entre roteiristas, editores, técnicos de som e de imagem, montadores, pesquisadores, equipe de divulgação, assessoria de imprensa e vários outros profissionais que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização do filme.

Democracia em vertigem é um filme realizado no calor dos acontecimentos, o que tornou a empreitada mais desafiadora para a diretora e sua equipe. Uma coisa é produzir um documentário com um certo distanciamento temporal, o que traz um maior conforto para a perspectiva do realizador. A postura de Petra de se colocar como filha de pais militantes contra a ditadura, ela mesma simpatizante da esquerda e vinda de uma família de posses foi uma saída muito inteligente e perspicaz de sua parte. No que pese seu envolvimento na história de 2013 para cá, a diretora conseguiu, a meu ver, manter o foco e ter um grau de imparcialidade necessária para dar credibilidade ao filme. É dispensável dizer que sua estratégia deu certo. O prestigiado jornal New York Times elegeu *Democracia em vertigem* como os dez melhores do ano de 2019 ao lado de *O irlandês*, *Era uma vez em Hollywood* e *Parasita*.

Enfim, como historiadora (dizem que a grande maioria dos historiadores é simpatizante da esquerda porque... eles estudaram história!) e tendo vivido sob o peso de um regime militar, vi com profunda tristeza a eleição de um presidente que elogia torturadores. Por mais que se adivinhasse um governo péssimo, achava que nossa democracia aguantaria o tranco, só que não. É por isso que tenho orgulho de ter participado com um pouquinho do meu trabalho em um filme que está mostrando ao mundo como nossa democracia está sendo corroída. Embora uma grande maioria ignore ou queira ignorar nossa democracia está sim em perigo.

Termino com o trecho final do texto que Petra Costa escreveu para o New York Times : *“Não há luz visível no fim do túnel nesta guerra cultural que procura censurar valores liberais e progressistas e a destruição da verdade para impor um fascismo tropical. Como aponto em “Democracia em vertigem”, a elite se cansou de fazer democracia. Como a história do nazismo nos lembra, as elites que ficaram em silêncio diante do avanço do autoritarismo acabaram sendo engolidas por ele. Extinção é o preço da omissão.*⁴

⁴<https://www.nytimes.com/2020/01/24/opinion/brazil-bolsonaro-edge-of-democracy.html?searchResultPosition=1>